

A FORMAÇÃO DO DISCENTE DO CURSO DE LETRAS COMO PROFESSOR DE LEITURA HOJE: TENDÊNCIAS E DESAFIOS

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

analiteraturasouza@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo corresponde a uma reflexão acerca dos desafios vivenciados na/para a formação leitora, especialmente literária, dos discentes da licenciatura em Letras. Para tanto, tem como objetivos focalizar na importância da formação inicial dos discentes a partir de pressupostos teóricos e metodológicos fundamentados na concepção de literatura como produção estética, histórica e cultural (ABREU, 2006); salientar a importância na formação docente do estudo da teoria e da crítica literárias, bem como da prática investigativa e reflexiva de metodologias de abordagem do texto literário em sala de aula, priorizando a leitura do texto literário; relatar a experiência no curso de extensão “O trabalho com o texto literário na sala de aula: ação-reflexão-ação no diálogo entre a licenciatura e a escola de educação básica”. Neste sentido, dialogamos com estudos que tematizam, dentre outras questões, sobre: o perfil do discente da licenciatura em letras como leitor (SEGABINAZI & LUCENA, 2016); leitura e a formação do leitor literário (ZILBERMAN, 1998), (ALVES & NÓBREGA, 2014), (KLAIMAN, 1999), (SOLÉ, 1998), (COSSON, 2009, 2014), (PENNAC, 1993, 2008), (TODOROV, 2009), (BORDINI e AGUIAR, 1993); (SILVA, 2016); concepção de literatura (ABREU, 2006), (CULLER, 1999).

PALAVRAS-CHAVE: Formação do professor. Leitura. Literatura.

1. Considerações iniciais

Uma única certeza é que a presença dos meus alunos depende estritamente da minha: da minha presença junto a turma inteira e junto a cada indivíduo em particular, da minha presença na minha matéria também, da minha presença física, intelectual e mental, durante os cinquenta e cinco minutos que vai durar a minha aula. (PENNAC, 2008, p.103).

Este artigo corresponde a uma reflexão acerca dos desafios vivenciados na/para a formação leitora, especialmente literária, dos discentes da licenciatura em Letras. Objetivamos não apenas discorrer sobre o perfil leitor do aluno do curso de Letras, aspecto já abordado em outros estudos, mas focar na importância da formação inicial dos discentes a partir de pressupostos teóricos e metodológicos fundamentados na concepção de literatura como construção/produção estética, histórica e cultural (ABREU, 2006). Esta dimensão não concebe a literatura apenas como objeto estético, mas problematiza questões de tradição, de texto, de leitura, de gosto e de valor, problematizando as relações de poder/saber imbricadas na tradição historiográfica literária. Neste

sentido, estudamos o texto literário no seu aspecto estético e a partir de “uma prática interdisciplinar de leitura em que a intertextualidade literária e cultural não pode ficar de lado nas interpretações contemporâneas.” (GOMES, 2010, p.27). Salientamos a importância na formação docente do estudo da teoria e da crítica literárias, bem como a prática investigativa e reflexiva de metodologias de abordagem do texto literário em sala de aula, priorizando sempre a leitura do texto literário. Além disso, pretendemos também, neste artigo, relatar a experiência de estudo do texto literário no curso de extensão “O trabalho com o texto literário na sala de aula: ação-reflexão-ação no diálogo entre a licenciatura e a escola de educação básica”, visando à discussão sobre os caminhos percorridos e os entraves enfrentados. Desse modo, conscientes de que muito já se escreveu sobre o tema, mas que o mesmo continua instigante e passível de novas reflexões, dialogamos com estudos que tematizam, dentre outras questões, sobre: o perfil do discente da licenciatura em letras como leitor (SEGABINAZI & LUCENA, 2016); leitura e a formação do leitor literário (ZILBERMAN, 1998), (ALVES & NÓBREGA, 2014), (KLAIMAN, 1999), (SOLÉ, 1998), (COSSON, 2009, 2014), (PENNAC, 1993, 2008), (TODOROV, 2009), (BORDINI e AGUIAR, 1993); estudos culturais e literatura (ABREU, 2006), (CULLER, 1999).

2. Sobre literatura, formação do professor, leitura e leitor

A leitura do texto literário na educação básica continua atrelada, em muitas escolas, a estudos de análise lingüística, lições de historiografia literária acompanhadas de terminologias teóricas sobre gêneros literários, análise estrutural e biografismo. (NÓBREGA, 2014). A abordagem textual acaba não deixando espaço para o encontro com o texto. Ou, como afirmam Paulino & Cosson (2009), para a promoção do letramento literário cuja condição para se efetivar é o contato direto e constante com o texto literário.

Nesta perspectiva, a escola não contribui para a formação de um leitor capaz de atuar de maneira crítica e reflexiva perante o texto, pelo contrário tem concorrido para o distanciamento do aluno do ato de ler.

E muitos destes alunos chegam ao curso de Letras sem muito contato com os textos escritos e reconhecidos como literários e com uma visão negativa de outras manifestações artísticas, não legitimadas pela escola, textos da tradição oral e dos meios de comunicação de massa, por exemplo.

Diante desta realidade, a formação na licenciatura tem se configurado um desafio enorme, tendo por principal objetivo formar professores que, ao término de quatro anos, em média, deverão estar habilitados a dar aulas na educação básica, tendo o domínio de saberes, habilidades e

competências necessários ao exercício profissional, conforme destacam Segabinazi & Lucena (2016, p.433):

Nesse sentido, cada vez mais, a formação de professor é de responsabilidade da Universidade e, por isso, as licenciaturas devem enriquecer suas discussões sobre a formação docente a respeito das crenças, saberes, competências e habilidades necessárias a essa profissionalização, bem como sua articulação com a educação básica e as exigências advindas das transformações sociais, culturais, políticas, ideológicas, entre outros.

No caso específico da licenciatura em letras, exige-se também do aluno da graduação o embasamento teórico e metodológico para formar leitores na educação básica, propiciando um encontro significativo com os textos escritos e reconhecidos como literários, mas também com outras formas que expandem e ajudam a constituir o sistema literário (PAULINO & COSSON, 2009). Para tanto, o aluno da licenciatura precisa estar fundamentado teórico e metodologicamente para “sair do formalismo- da atividade de leitura concebida como lugar de aquisição programada de saberes – e de transformar a relação dos alunos com o texto literário acolhendo suas reações subjetivas.” (ROUXEL, 2014, p.21).

Esta fundamentação implica mudanças nos currículos dos cursos de letras, dentre estas, na forma de conceber a literatura, o texto literário e o papel assumido pelo leitor. É importante que o aluno da licenciatura amplie a concepção de literatura adquirida nos livros didáticos, marcada, muitas vezes, por perspectivas excludentes, conforme aponta a professora Márcia Abreu (2006) com relação à definição “Grande Literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível.”. Esta concepção fundamenta-se em um ato de seleção e exclusão, isto é, existe uma literatura “superior” (grande literatura) e outras “menos valorizadas”. Para distinguir a “Grande” das outras literaturas, a concepção aponta como critério exclusivamente a linguagem que a obra apresenta. Ao contrário do que revela esta forma de ver a literatura, Abreu destaca que não são apenas os aspectos linguísticos que são tomados para definir se uma obra faz parte da grande literatura, mas o prestígio sócio-cultural de quem a consagrou como grande: “Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos.” (ABREU, p.40).

Para a estudiosa, a literatura precisa ser concebida como um fenômeno histórico e cultural elaborado e apreciado de diferentes formas por diferentes épocas e grupos sociais. O estudo de obras e autores canônicos continua legitimado, mas o conhecimento das literaturas de menor prestígio social, a exemplo do folheto de cordel e dos best Sellers, passa a ser defendido. A partir da perspectiva histórica, conforme destaca Massaud Moisés (2004, p.311), sabemos que



“primitivamente o vocábulo literatura designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo passou a significar “arte das belas letras” e, por fim, “arte literária”. Além disso, até o século XVIII a palavra literatura não era empregada, em seu lugar utilizava-se o termo poesia. Somente no século XIX é que a palavra literatura passa a ser usada em referência aos textos poéticos e em referência também a toda expressão escrita, mesmo as científicas e filosóficas.

Outro aspecto importante a ser observado é que no início do século XX, um grupo de teóricos da literatura, mais tarde denominados Formalistas russos, imaginou que seria possível constatar uma propriedade, presente nas obras literárias, que as caracterizaria como pertencentes à literatura. Para denominar esta propriedade, criaram o termo *literaturnost*, que foi traduzido para a língua portuguesa como literariedade. Este conceito é questionado por estudiosos como Abreu (2006) e Culler (1999), uma vez que nem todas as características relacionadas à linguagem e a outros aspectos estruturais que são tidos como propriedades universais da literatura são suficientes para definir se uma obra é ou não literária, pois a inclusão ou exclusão de um texto na literatura, sobretudo na consagrada pela academia, envolve também outros critérios, exteriores à própria obra, aspectos sociais, culturais e políticos. De acordo com Schmidt (2008, p.127),

[...] é inegável que as transformações da teoria têm fomentado uma verdadeira revolução nos estudos literários contemporâneos, permitindo questionamentos de várias ordens e de vários lugares sobre o funcionamento da disciplina e a definição de seus objetos, sobre a natureza da instituição literária e seus mecanismos de controle como discursos de valoração e interpretação, bem como sobre forma e função do cânone e sua relação com a narrativa da história da literatura.

Estas transformações estão aos poucos sendo problematizadas nos componentes curriculares das licenciaturas em Letras juntamente com mudanças nas concepções de leitura e de leitor, conforme assinala Gomes (2010):

[...] a leitura se torna eficiente quando passa a ser uma prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade nas representações culturais e literárias. Nesta proposta, tanto a memória cultural como a recepção do leitor crítico são abordados como partes do processo de leitura. O leitor passa a ser um co-autor quando aplica às representações literárias as novas abordagens de pertencimento das identidades pós-modernas.

Torna-se imprescindível na graduação, assim como na educação básica, que a experiência do leitor seja valorizada, bem como suas escolhas e práticas de leitura. A partir de pesquisas realizadas com alunos da licenciatura em letras da Universidade Federal da Paraíba, Segabinazi & Lucena

(2016) chegaram a conclusões importantes a partir das questões: quem é o aluno leitor da Licenciatura em Letras e quais suas experiências leitoras? Dentre as constatações, destacamos:

1. “Todos os alunos se intitulam leitores, contrariando o que muitos professores universitários dizem a respeito de seus alunos, inclusive os docentes responsáveis pelas disciplinas de literatura, já que na pesquisa [...] os discentes dizem ter lido mais nessas disciplinas.” (p.440).
2. “Verificamos que os alunos são leitores de literatura a partir das leituras obrigatórias do curso, pois raros foram aqueles que saíram do roteiro de obras que o curso de Literatura Brasileira oferece na Licenciatura em Letras da UFPB.” (p.440).
3. “Desse modo, é possível inferirmos que os alunos perdem, inclusive, sua espontaneidade, pois não podem ser considerados leitores autônomos que realizam escolhas para além do curso” (p. 440).
4. “Nesse percurso, outro destaque negativo na pesquisa é o fato de que aparece expressivamente a leitura de narrativas, demonstrando que os alunos não têm apreço pela leitura da poesia e por outros gêneros literários menos conhecidos ou privilegiados. Apenas um aluno citou seu interesse por autores como Manoel Bandeira e Fernando Pessoa. Afora isso, também percebemos a pouca referência a autores estrangeiros, apenas Balzac, Eça de Queiros, Umberto Eco e Edgar Alan Poe foram citados. Também sentimos a ausência das literaturas Hispano-Americana e Africana nas vozes dos alunos; talvez isso tenha ocorrido porque são componentes curriculares que pertencem à parte optativa e diversificada do curso, que poucos alunos frequentam” (441).
5. “Em outras palavras, a motivação da leitura é puramente didática e para o cumprimento de requisitos da disciplina [...]” (442).

Não tivemos a oportunidade de realizar uma pesquisa junto aos alunos para comparar os dados apresentados pelas pesquisadoras com a nossa realidade, mas conscientes desta realidade antes mesmo das pesquisas desenvolvidas pelas estudiosas, buscamos há algum tempo implementar algumas ações alicerçadas na idéia de que a atualização teórica na licenciatura precisa estar acompanhada da vivência efetiva do aluno como leitor/pesquisador/produtor de texto.

3. A experiência com a leitura literária na extensão

O fato de saber refletir favorece a autonomia do professor em encontrar alternativas para situações-problema da sala de aula. Estimula a enfrentar e cooperar com os colegas os desafios apresentados no cotidiano escolar. Além disso, consolida conhecimentos acumulados na experiência e uma didática (SEGABINAZI & LUCENA, 2016, p.433).

A experiência com a leitura literária na graduação despertou-nos para a necessidade de se garantir a formação como pesquisa. Isso implica que se faz, cada vez mais, necessário perceber a formação como espaço de análise em que se “[...] realiza atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá.”. (PIMENTA, 2004, p.45).

Assim, nessa perspectiva, pretendemos evitar o reducionismo de observar os professores em aula e imitar possíveis modelos ou, simplesmente, criticar determinadas práticas, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social, histórica e política em que o ensino se processa.

A ideia do curso de extensão é contribuir para a formação de professores capazes de refletir, analisar, problematizar e encontrar encaminhamentos que possam responder aos anseios cotidianos da profissão.

O projeto/curso tem duração de 12 meses, tendo iniciado em dezembro de 2016 e possui término previsto para dezembro de 2017. O público alvo do projeto trata-se de alunos da licenciatura em Letras que atuam como docentes no ensino fundamental.

O local de realização e aplicação do projeto/curso é o prédio da Central Integrada de Aulas da UEPB campus I no bairro universitário Bodocongó, Rua Baraúnas número 351, Campina Grande-Paraíba.

Para tanto, o projeto do curso contempla três momentos. Uma seção voltada para o estudo teórico com os discentes do curso de Letras, na qual pretendemos aprofundar o estudo dos aspectos relativos ao ensino de literatura e métodos de abordagem do texto literário na escola. Outra seção direcionada para a elaboração e aplicação de propostas de abordagem do texto literário nas escolas onde os discentes lecionam e uma última de reflexão a respeito da vivência na escola. Sendo assim, a implementação do curso tem como objetivos:

- Conhecer os saberes e as experiências literárias dos graduandos, a fim de compreender os percursos formativos e as práticas de leitura de cada um.
- Identificar a (as) forma(s) como a Literatura vem sendo tratada no cotidiano das salas de aula do ensino fundamental e avaliar as suas consequências sobre o processo de formação dos leitores.
- Ler e discutir a cerca da teoria do Letramento Literário e dos métodos de abordagem do texto literário na escola.

- Elaborar propostas de trabalho com o texto literário.
- Aplicar em turmas do ensino fundamental as propostas elaboradas.
- Avaliar as propostas aplicadas em sala de aula.
- Atuar na formação teórica e metodológica dos graduandos.
- Contribuir com a formação leitora dos alunos do Ensino Fundamental.

Embora estejamos ainda em fase de levantamento dos dados obtidos com a experiência em sala de aula do ensino fundamental, desenvolvida pelos participantes do projeto, é possível depreendermos com o curso de extensão alguns pontos positivos na formação dos cursistas. 1) o enfrentamento da formação leitora/literária precária dos discentes; 2) o lugar do professor como mediador no processo ensino/aprendizagem; 3) a concepção de literatura como construção histórica e cultural.

A formação leitora do discente de Letras representa uma preocupação proeminente, uma vez que a maioria sai da educação básica com pouco, ou nenhum, conhecimento de obras e autores, sejam eles clássicos ou contemporâneos. O que deveria ser básico no curso de Letras, tem se revelado um desafio para a licenciatura. Em virtude desta realidade, relacionada, principalmente aos alunos recém-chegados à graduação, no curso priorizamos a leitura das obras literárias, visto que no ensino médio o contato com esta prática é muito restrito. Assim, focalizamos a leitura de diferentes gêneros literários promovendo o desenvolvimento da reflexão estética e crítica. Paralelamente ao trabalho com a leitura literária realizamos também a leitura de textos críticos e teóricos, suportes para as discussões e para a elaboração de propostas metodológicas de abordagem do texto literário na sala de aula.

Outro ponto observado diz respeito à atuação do cursista colocando-se como mediador, conseqüência da desconstrução da figura do professor como o único detentor do conhecimento. Para tanto, refletimos com os discentes a respeito das perspectivas reducionistas, que a maioria traz do ensino médio, dentre estas: a leitura como mera decifração de significados; o professor como único capaz de interpretar o texto literário; a *literariedade* como elemento preponderante na definição da obra literária; a prioridade na leitura das obras canônicas na escola. O objetivo é mostrar que estas concepções revelam atitudes excludentes: a leitura como atividade desvinculada da ação do leitor; o professor como o centro do saber; a literatura concebida a partir de um ato de seleção e exclusão, isto é, existe uma literatura “superior” (grande literatura) e outras “menos valorizadas” (ABREU, 2006).



Ao contrário do que revelam estas formas de ver a leitura, o leitor, o professor e a literatura, refletimos, fundamentados em autores que trabalham, principalmente, com a história da leitura, mostrando que o leitor exerce um papel ativo no processo de leitura, considerado uma atividade de construção de sentidos; além disso, não são apenas os aspectos linguísticos que são tomados para definir se uma obra faz parte da grande literatura, mas aspectos histórico-sociais, que precisam ser analisados.

Além disso, o curso tem oportunizando também aos discentes investigar acerca do trabalho com a literatura infantil na escola; pesquisar sobre a literatura produzida para crianças e jovens no âmbito da prosa e da poesia, enfocando aspectos culturais, pedagógicos e sociais, bem como à compreensão dos modos de produção, percepção e legitimação desses textos a partir de pressupostos teóricos, historiográficos e críticos; analisar e avaliar as políticas educacionais para o ensino da Literatura Brasileira nas duas últimas décadas, a partir da observação resultante do contato com livros didáticos, proposta curricular, projetos de leitura, dentre outros presentes na escola de educação básica.

Considerações finais

Ainda que o curso esteja em desenvolvimento, é possível perceber que a proposta de propiciar a integração entre a universidade e escola de educação básica por meio de um projeto de extensão, que propõe refletir com discentes do curso de letras e professores do ensino fundamental sobre o desenvolvimento de competências de leitura e escrita utilizando como recursos o acervo bibliográfico do PNBE, tem sido alcançado. Por meio da formação, estamos proporcionando, principalmente, ao aluno da licenciatura espaço sistemático de atualização de saberes, de reflexão conjunta e de investigação acerca de questões relacionadas à leitura e à escrita na escola.

Para tanto, a formação continuada está sendo entendida como um espaço dialógico no qual professor/formador troca conhecimentos e experiências com o discente da graduação e com o professor/cursista da educação básica, relacionando os aspectos teóricos estudados à prática cotidiana em sala de aula.

Referências

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ALVES, José Hélder Pinheiro (Org). **Memórias da borborema4**: discutindo a literatura e seu ensino. Campina Grande: Abralic, 2014.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura**: a formação do leitor (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: Uma introdução. São Paulo: beca, 1999.

GOMES, Carlos Magno. **Leitura e estudos culturais**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.16, 2010. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415576014.pdf> Acesso em.: 12 de junho de 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MARIA, Luzia. **O clube do livro**: Ser leitor, que diferença faz? São Paulo: Global, 2016.

_____. **Leitura e colheita**: livros, leitura e formação de leitores. 2ed. Rio de Janeiro:vozes, 2008.

PENNAC, Daniel. **Diário de escola**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

QUINHONES, Elenara Walter; SIQUEIRA, Sabrina & TAVARES, Enéias Farias. **O ensino de literatura sob a perspectiva dos estudos culturais**. Disponível em: <http://conferencias.iffarroupilha.edu.br>. 2016. Acesso em.: 12 de junho de 2017.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Centro e margens: notas sobre a historiografia literária**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, (UnB), Brasília, n. 32, p. 127-141, jul. - dez. 2008. Disponível em: Acesso em: 20 maio 2016.

SEGABINAZI, Daniela Maria. & LUCENA, Josete Marinho. **A Licenciatura em Letras: um espaço para formar (professores) leitores?** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 12 - n. 2 - p. 432-452 - jul./dez. 2016

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6 ed. Porto alegre: Artmed, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.